CONSULTA
EMPRESARIAL

INDICADORES ECONÔMICOS CNI

CNI Confederação Nacional da Indústria

Tarifas dos Estados Unidos pressionam a indústria brasileira

Um terço das exportadoras brasileiras relatam efeitos negativos da tarifa recíproca de 10%

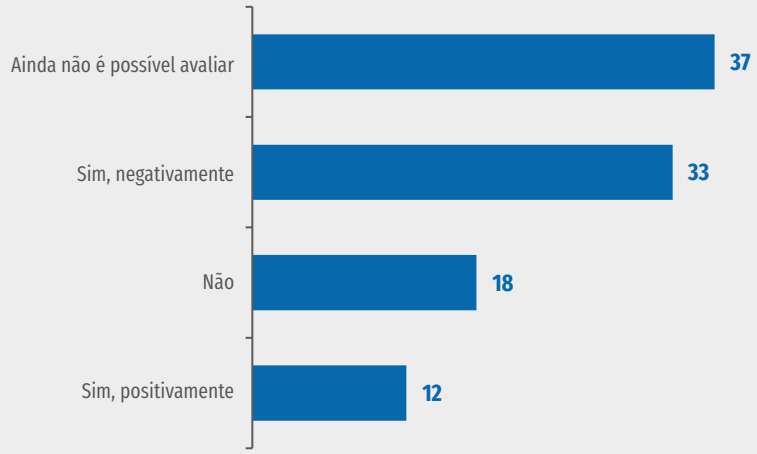
A imposição de novas tarifas pelos Estados Unidos, em abril de 2025 – que incluiu a imposição de uma tarifa adicional de 10% sobre todas as exportações, a manutenção de tarifas de 25% sobre aço e a alumínio (posteriormente majoradas para 50%) e a aplicação de tarifas permanentes sobre veículos e autopeças – acentuou as tensões no comércio bilateral e estabeleceu desafios imediatos à indústria brasileira. Em resposta, a **Confederação Nacional da Indústria (CNI)** conduziu a **Consulta Empresarial sobre Tarifas dos EUA** para avaliar os impactos dessas medidas anunciadas em abril (tarifa recíproca de 10%) e subsidiar estratégias e reações.

O levantamento foi direcionado a empresas exportadoras de bens e serviços para os Estados Unidos, com foco na indústria de transformação. A iniciativa buscou captar percepções sobre os efeitos das tarifas, identificar riscos à competitividade, mapear as possíveis oportunidades no novo cenário comercial e subsidiar as propostas de resposta por parte do governo e do setor privado.

De acordo com o Gráfico 1 a seguir, a maior parcela das empresas consultadas (37%) ainda não conseguiu mensurar os efeitos das tarifas nas exportações. Isso pode estar relacionado à defasagem de tempo para que os impactos se manifestem plenamente nas cadeias produtivas, ou à influência de variáveis, como contratos vigentes, estoques e prazos logísticos.

Gráfico 1 – Impacto das medidas comerciais anunciadas pelos EUA nas exportações (tarifa recíproca de 10%)

Percentual de empresas que exportam bens ou serviços para os EUA (%)



Fonte: Confederação Nacional da Indústria (CNI). Elaboração própria a partir de consulta empresarial.

Entre a conclusão da consulta e a finalização deste relatório, os Estados Unidos anunciaram, em 8 de julho, o aumento da alíquota da tarifa recíproca para 50%, com entrada em vigor prevista para 1º de agosto. É importante destacar que, durante o período em que as empresas foram consultadas, a alíquota vigente ainda era de 10%.

Ademais, **um terço das empresas consultadas (33%) já relatou impactos negativos em suas exportações.** Enquanto isso, 18% afirmaram não terem sido afetadas, e 12% identificaram oportunidades decorrentes das mudanças no cenário comercial.

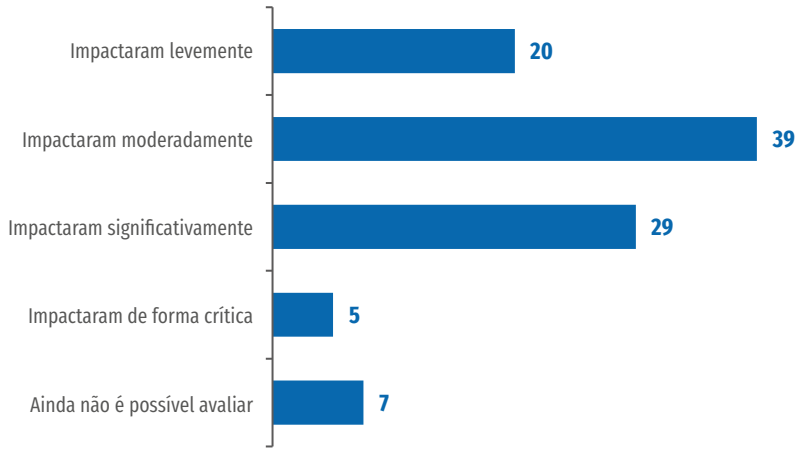
Ao serem questionadas sobre a intensidade dos impactos das medidas tarifárias impostas pelos Estados Unidos (Gráfico 2), **a maior parte das empresas consultadas apontou efeitos de magnitude moderada (39%) ou significativa (29%)**, sinalizando que as barreiras comerciais geraram consequências relevantes para as exportações brasileiras.

Cerca de 20% das empresas relataram impactos leves, enquanto uma minoria (5%) afirmou enfrentar efeitos severos. Além disso, 7% das empresas respondentes indicaram que ainda não é possível avaliar, com clareza, a extensão dos efeitos.

Quando questionadas sobre como as medidas impactaram suas operações (Gráfico 3), as empresas consultadas relataram ampla variedade de efeitos, **com destaque para a queda nas vendas ao mercado americano, apontada por 45% das empresas.** Esse resultado pode evidenciar o efeito direto da elevação das tarifas sobre os preços finais dos produtos brasileiros, comprometendo sua competitividade nos Estados Unidos.

Gráfico 2 – Intensidade do impacto das medidas comerciais anunciadas pelos EUA nas exportações (tarifa recíproca de 10%)

Percentual de empresas que exportam bens ou serviços para os EUA impactadas de alguma forma (%)



Fonte: Confederação Nacional da Indústria (CNI). Elaboração própria a partir de consulta empresarial.

Gráfico 3 – Tipos de impacto das medidas comerciais anunciadas pelos EUA na sua empresa (tarifa recíproca de 10%)

Percentual de empresas que exportam bens ou serviços para os EUA impactadas de alguma forma (%)

Fonte: CNI. Elaboração própria a partir de consulta empresarial.
Nota: Nesta questão, o respondente escolheu mais de um item.

Além disso, 33% das empresas consultadas indicaram redução ou imprevisibilidade na produção dos bens destinados à exportação, o que pode estar relacionado à instabilidade na demanda e à necessidade de ajustes operacionais. **O cancelamento ou o adiamento de contratos com clientes norte-americanos (31%) e o aumento de custos logísticos ou operacionais (também 31%)** reforçam o cenário de incerteza e pressão sobre as margens das exportadoras.

Outro dado relevante é o reposicionamento de preços adotado por 26% das empresas, muitas vezes com prejuízo no curto prazo, como estratégia para manter presença no mercado. Já 24% revisaram suas estratégias de mercado, buscando novos destinos para suas exportações.

Embora em menor proporção, 10% das empresas mencionaram a necessidade de corte de gastos ou investimentos, e outros 10% relataram impactos diversos. Apenas 2% citaram desvio de comércio, enquanto 7% afirmaram não conseguir identificar, claramente, os efeitos, o que reforça a complexidade e a diversidade de respostas diante do novo cenário comercial.

É importante destacar que, embora apenas 2% tenham selecionado a opção "desvios de comércio" no questionário do Gráfico 3, que apresentava alternativas limitadas, quando questionadas diretamente, mais de ¼ das empresas exportadoras impactadas consultadas afirmaram ter evidências concretas desse tipo de ocorrência. Isso reforça que o desvio de comércio é relevante.

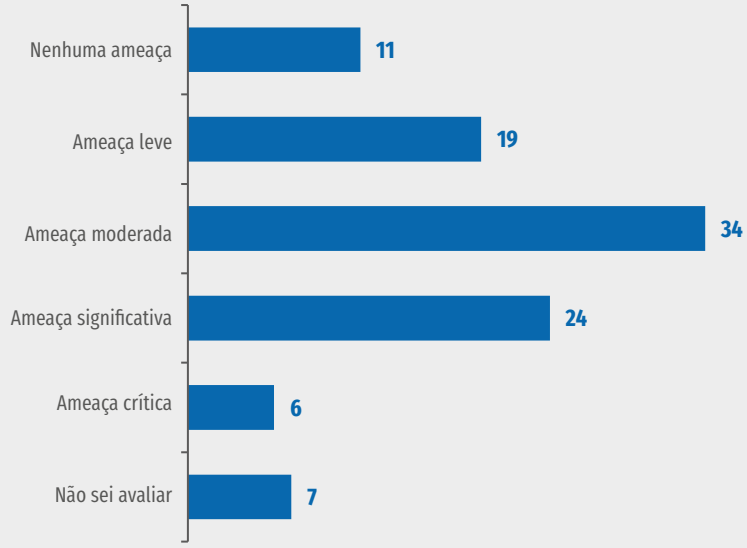
O Gráfico 4 revela que a maior parte das empresas exportadoras consultadas percebe o atual cenário de guerra tarifária e incertezas no comércio internacional como uma ameaça concreta aos seus negócios. **Somando as respostas que indicam ameaça moderada (34%), significativa (24%) e crítica (6%), chega-se a 64% dos respondentes demonstrando preocupação real com os impactos dessas medidas pelos Estados Unidos.**

Apenas 11% das empresas afirmam não perceber nenhuma ameaça, enquanto 19% identificam uma ameaça leve. Outros 7% declaram não saber avaliar o cenário atual.

Esses resultados indicam que, embora haja diferentes níveis de percepção, predomina entre os exportadores a visão de que o ambiente internacional atual representa riscos reais e crescentes para suas operações, exigindo atenção estratégica e monitoramento contínuo e ações coordenadas de mitigação, tanto por parte das empresas quanto do poder público.

Gráfico 4 – Percepção de ameaça do cenário atual de guerra tarifária e incerteza no comércio internacional (tarifa recíproca de 10%)

Percentual de empresas que exportam bens ou serviços para os EUA (%)



Fonte: CNI. Elaboração própria a partir de consulta empresarial.

Quando questionadas sobre as principais ameaças identificadas (Gráfico 5), as empresas exportadoras consultadas concentraram suas respostas em três grandes frentes. **A mais recorrente, apontada por 65% dos respondentes, foi a perda de competitividade frente a concorrentes de países menos afetados pelas tarifas.** Com o anúncio do aumento da alíquota para 50%, essa preocupação torna-se ainda mais crítica.

Em seguida, **61% destacaram a incerteza regulatória e a instabilidade para o planejamento de longo prazo**, refletindo o impacto da imprevisibilidade nas decisões estratégicas, investimentos e compromissos contratuais.

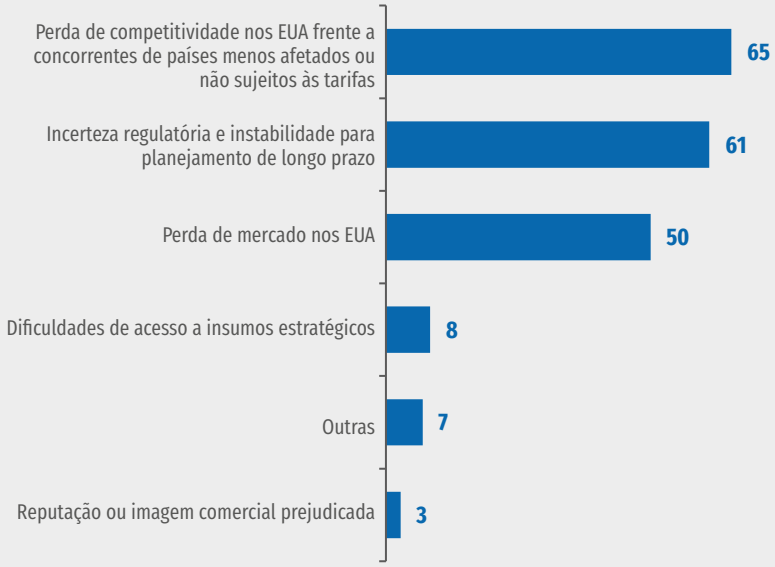
A perda de mercado nos EUA foi mencionada por 50% das empresas, sinalizando preocupações com a manutenção da presença brasileira no principal destino das exportações da indústria de transformação.
Outras ameaças foram menos citadas, mas ainda relevantes, como dificuldades de acesso a insumos estratégicos (8%), situações específicas diversas (7%) e prejuízos à imagem comercial (3%).

As empresas também foram questionadas sobre possíveis oportunidades que o cenário poderia ocasionar (Gráfico 6). Embora o ambiente de guerra tarifária e incertezas no comércio internacional seja majoritariamente percebido como uma ameaça, uma parcela significativa das empresas também enxerga potenciais oportunidades.

Por um lado, a maior parte dos respondentes (44%) avalia o momento como uma oportunidade moderada, enquanto 24% percebem uma oportunidade limitada e 8% identificam oportunidade significativa. Por outro lado, 20% não enxergam nenhuma oportunidade, e 4% afirmam não saber avaliar o cenário.

Gráfico 5 – Principais ameaças identificadas diante das medidas adotadas (tarifa recíproca de 10%)

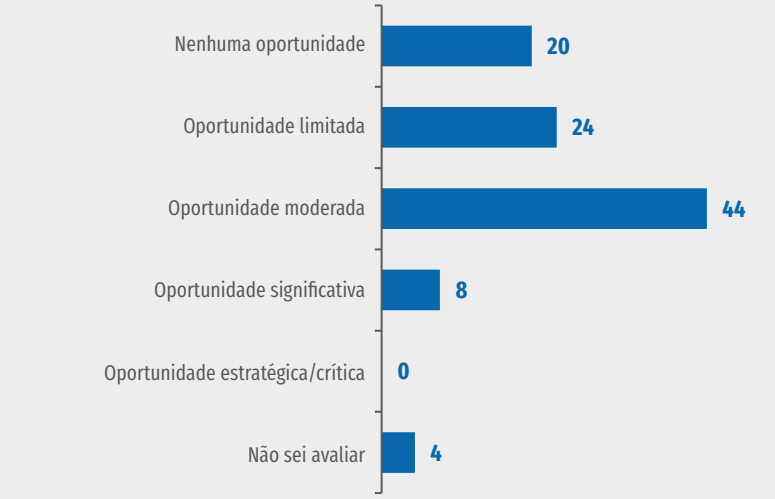
Percentual de empresas que exportam bens ou serviços para os EUA que perceberam ameaças no cenário do comércio internacional (%)



Fonte: CNI. Elaboração própria a partir de consulta empresarial.
Nota: Nesta questão, o respondente escolheu mais de um item.

Gráfico 6 – Percepção de oportunidades do cenário atual de guerra tarifária e incertezas no comércio internacional (tarifa recíproca de 10%)

Percentual de empresas que exportam bens ou serviços para os EUA (%)



Fonte: CNI. Elaboração própria a partir de consulta empresarial.

Destaca-se a ausência de respostas que indiquem oportunidades estratégicas ou críticas, o que pode refletir a predominância de uma postura cautelosa diante das incertezas.

O Gráfico 7 mostra que as empresas exportadoras consultadas identificam oportunidades principalmente associadas à reconfiguração do mercado internacional. **A substituição de exportadores tradicionais nos EUA que foram impactados pelas tarifas aparece como a principal oportunidade**, mencionada por 54% dos respondentes. Esse dado indica a expectativa de que o Brasil pudesse ocupar nichos deixados por concorrentes mais prejudicados.

Em segundo lugar, **42% apontaram o reforço de cadeias regionais, sugerindo uma valorização de parcerias mais próximas**, especialmente na América Latina, como alternativa estratégica diante das incertezas globais.

Além disso, 25% observam potencial na atração de investimentos ou novas parcerias, enquanto 24% destacam o estímulo à inovação e à reestruturação produtiva, sinalizando que o cenário desafiador também pode impulsionar transformações internas e ganhos de eficiência. A menção a outras oportunidades foi mínima (1%).

Além de mapear os impactos e as percepções sobre o cenário internacional, a consulta também buscou compreender quais ações o governo brasileiro deveria priorizar em sua política externa e comercial, diante das medidas adotadas pelos Estados Unidos, bem como no âmbito das políticas econômicas domésticas e estruturais.

As empresas foram convidadas a indicar, entre diferentes alternativas, as estratégias consideradas mais eficazes para mitigar os efeitos negativos e fortalecer a posição do Brasil no comércio internacional. A seguir são apresentados os principais resultados dessa parte da consulta.

Gráfico 7 – Principais ameaças identificadas diante das medidas adotadas (tarifa recíproca de 10%)

Percentual de empresas que exportam bens ou serviços para os EUA que perceberam oportunidades no cenário do comércio internacional (%)

Fonte: CNI. Elaboração própria a partir de consulta empresarial.
Nota: Nesta questão, o respondente escolheu mais de um item.

As empresas exportadoras brasileiras consultadas demonstram, conforme o Gráfico 8, clara preferência por ações diplomáticas e estratégicas como resposta às medidas comerciais adotadas pelos Estados Unidos.

A negociação bilateral com os EUA para isenções ou ajustes nas tarifas foi apontada por 90% dos respondentes, evidenciando que o diálogo direto é visto como a principal via para mitigar os impactos negativos sobre as exportações brasileiras.

Em segundo lugar, **51% destacaram a diversificação de parceiros comerciais e a celebração de novos acordos internacionais**, sinalizando a busca por maior resiliência e redução da dependência do mercado norte-americano.

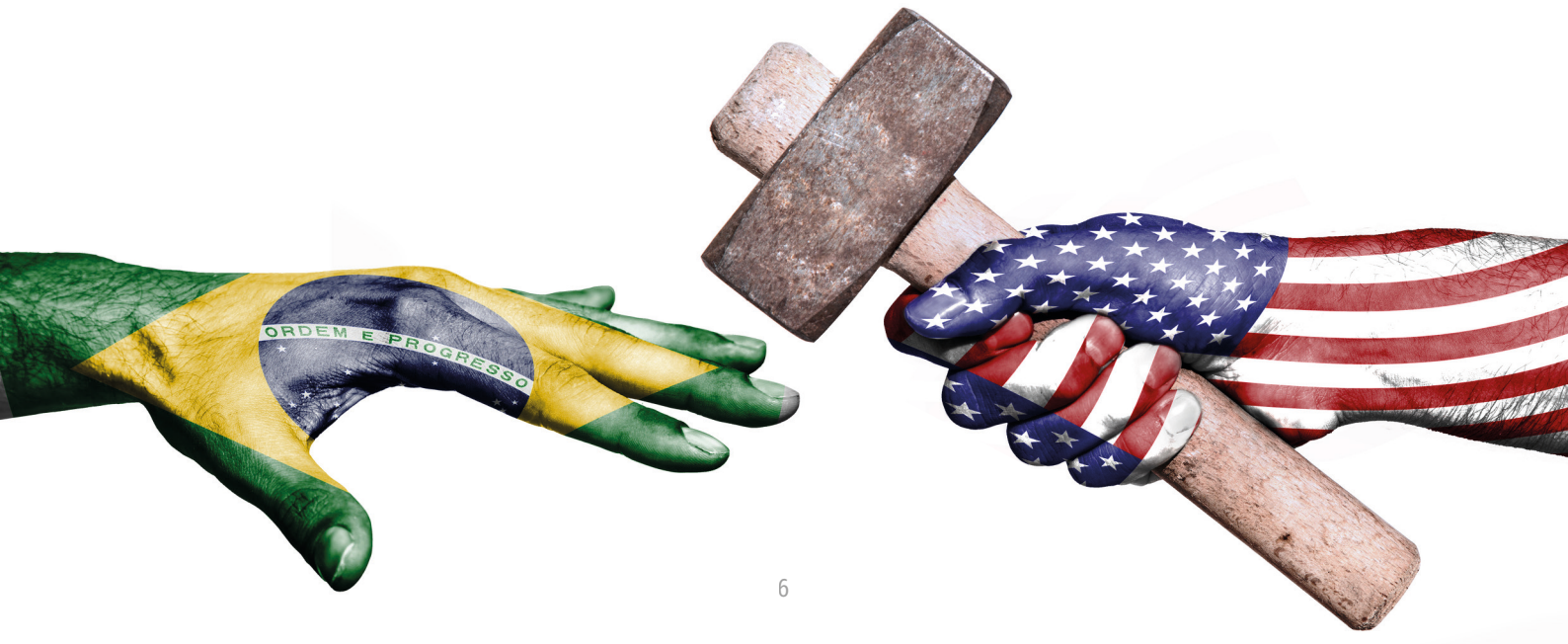
Outras ações relevantes também foram mencionadas, tais como promoção comercial para redirecionamento das exportações (39%); monitoramento e alerta precoce de medidas comerciais (33%); e reforço dos instrumentos de defesa comercial (28%).

A adoção de contramedidas comerciais foi mencionada por apenas 13% das empresas respondentes, indicando uma preferência por soluções cooperativas e diplomáticas, em vez de abordagens reativas. Apenas 3% sugeriram outras medidas.

Gráfico 8 – Ações de política externa que o governo brasileiro deve priorizar frente às medidas comerciais dos EUA (tarifa recíproca de 10%)

Percentual de empresas que exportam bens ou serviços para os EUA (%)

Fonte: CNI. Elaboração própria a partir de consulta empresarial.
Nota: Nesta questão, o respondente escolheu mais de um item.



As empresas consultadas **apontam, com clareza, que as prioridades domésticas do governo devem se concentrar na redução do chamado "Custo Brasil"**, mencionada por 91% dos respondentes (Gráfico 9). Essa medida é vista como essencial para elevar a competitividade das empresas frente ao cenário internacional.

Em segundo lugar, **82% destacaram a importância do fortalecimento da política industrial nacional**, evidenciando a necessidade de uma política industrial robusta e estratégica.

O incentivo à inovação e à reestruturação das cadeias produtivas também aparece com destaque, citado por 58% dos respondentes. Esse dado indica que as empresas reconhecem a importância de modernizar seus processos e modelos de negócio para se adaptar ao novo contexto global.

Medidas mais específicas também foram mencionadas, embora com menor intensidade, como a criação de linhas de crédito para setores atingidos (32%); e o apoio técnico e financeiro às empresas afetadas (27%). Apenas 2% sugeriram outras ações, o que reforça o consenso em torno das prioridades estruturais já identificadas.

Gráfico 9 – Medidas econômicas domésticas e estruturais que o governo brasileiro deve priorizar frente às medidas comerciais dos EUA (tarifa recíproca de 10%)

Percentual de empresas que exportam bens ou serviços para os EUA (%)

Fonte: CNI. Elaboração própria a partir de consulta empresarial.
Nota: Nesta questão, o respondente escolheu mais de um item.

- ***A consulta empresarial evidencia que as tarifas impostas pelos Estados Unidos em 2025 (tarifa recíproca de 10%) já afetam significativamente as empresas consultadas. A percepção predominante entre as empresas é de ameaça concreta, mas também há espaço para reconfiguração estratégica e aproveitamento de oportunidades.***
- ***O cenário exige respostas coordenadas entre o setor privado e o governo, com foco em: diplomacia comercial; diversificação de mercados; e fortalecimento da competitividade interna.***
- ***A atuação proativa será essencial para mitigar os impactos negativos e reposicionar o Brasil no cenário global.***

Especificações técnicas

Esta consulta captura a percepção de temas relevantes, a partir da aplicação de um questionário próprio, a um grupo específico de empresas, em curto espaço de tempo, e revela, assim, uma fotografia do momento. Não é objeto dessa modalidade inferir resultados para a população como um todo, mas sobre a percepção do grupo consultado.

Perfil dos respondentes: Participaram da Consulta Empresarial 211 empresas de 26 setores da indústria de transformação, distribuídas entre todos os portes e macrorregiões do País, das quais 45% realizam exportações de bens e/ou serviços.

Período de coleta: De 18 de junho a 4 de julho de 2025.
Documento concluído em 22 de julho de 2025.

Veja mais

Mais informações sobre esta pesquisa em:
www.cni.com.br/consultaempresarial

CONSULTA EMPRESARIAL | Publicação da Confederação Nacional da Indústria - CNI | www.cni.com.br | Superintendência de Relações Internacionais | Superintendente: Frederico Lamego de Teixeira Soares | Gerência de Comércio e Integração Internacional | Gerente: Constanza Negri Biasutti | Equipe: Afonso de Carvalho Costa Lopes, Ronnie Pimental e Pietra Mauro | Diretoria de Desenvolvimento Industrial | Diretor: Jefferson de Oliveira Gomes | Diretor Adjunto: Mário Sérgio Carraro Telles | Gerência de Análise Econômica | Gerente: Marcelo Souza Azevedo | Equipe: Marcelo Souza Azevedo | Gerência de Estatística | Gerente de Estatística: Edson Velloso | Equipe: João Pupe | Editoração: Coordenação de Divulgação | Coordenadora: Carla Gadêlha | Design gráfico: Carla Gadêlha

Serviço de Atendimento ao Cliente | Fone: (61) 3317-9992: sac@cni.com.br

Autorizada a reprodução desde que citada a fonte.

CNI Confederação Nacional da Indústria